

A variável *faixa etária* em estudos sociolingüísticos

Leonardo Eustáquio Siqueira Araújo¹

¹Faculdade de Letras – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Rua José Fernandes Reis, 51 – Belo Horizonte - Minas Gerais – CEP 31.525-210

Abstract. *In order to present a contribution to research in Sociolinguistics, this paper sought to identify the common practices that sociolinguistic studies adopt when dealing with the variable of age. Although age plays an important role in apparent time analyses (cf. Labov's terminology), an initial study has shown that there is not a homogeneous methodology to account for it. By analysing different studies, we found out that researchers do not divide age groups in the same way. The issue becomes even more complex as many studies do not even provide an explanation for the divisions adopted.*

Keywords. *Linguistics; Sociolinguistics, Variation and Change.*

Resumo. *A fim de apresentar uma contribuição para os estudos de sociolingüística, este trabalho procurou identificar as práticas utilizadas em estudos sociolingüísticos relativas à variável faixa etária. Embora essa variável seja de grande importância para a análise em tempo aparente (segundo a terminologia laboviana), um estudo inicial permitiu observar que não existe uma abordagem homogênea em relação a ela. Com base em diferentes estudos verificou-se que os recortes não são feitos da mesma forma. Mas a questão parece ainda mais complexa: em diversos estudos não há sequer uma justificativa para os recortes adotados.*

Palavras-chave. *Lingüística; Sociolingüística; Variação e Mudança.*

1. Introdução

É extensamente documentada na literatura especializada que a variação lingüística é uma característica intrínseca das línguas naturais e que o suposto “caos” lingüístico (Tarallo, 1999) pode ser apenas aparente, tornando-se passível de sistematização. Isso porque os usos da língua estão ligados a fatores estruturais (internos à língua) e sociais (externos à língua) que agem conjuntamente no favorecimento ou até mesmo na supressão do uso de certas variantes. Está claro para todo pesquisador que inicia um estudo sociolingüístico que a língua muda com o tempo. Uma maneira fácil de se constatar tal afirmativa seria compararmos o português do séc. XX com o português do séc. XVI, por exemplo. Tal comparação pode causar um estranhamento inicial e levar o pesquisador a pensar que as mudanças são abruptas, mas essas mudanças não o são, elas se processam de maneira gradual em vários níveis. No entanto, seria possível apreender uma mudança no seu curso de implementação? A variável *faixa etária* torna-se de grande importância em estudos sociolingüísticos, pois a partir de uma análise em tempo aparente seria possível detectar indícios de mudança em tempo real. Mas existe um padrão para esses estudos? Os estudos analisados levam em conta a variável *faixa etária*? Esses estudos analisam a fala de informantes a partir de qual idade? Esses estudos utilizam os mesmos recortes para *faixa etária*? Em que se fundamentam os recortes efetivamente realizados?

Um estudo sobre variação fonológica, realizado por Labov (1972a), afirma que uma variável sociolinguística é um elemento linguístico (elemento fonológico) que co-varia não apenas com outros elementos fonológicos, mas também com um número de variáveis extralingüísticas independentes tais como a classe social, a *idade/faixa etária*, o gênero/sexo, o grupo étnico e o estilo.

De acordo com Preti (1982:09) as variáveis extralingüísticas que podem manifestar-se no diálogo são de três espécies, a saber:

-geográficas: envolvem as variações regionais, lembrando que se deve tomar cuidado para que as diferenças linguísticas por elas determinadas não sejam confundidas com aquelas ocorridas por influência sociológica numa mesma comunidade;

-contextuais: constam de tudo aquilo que possa determinar diferenças na linguagem do locutor, por influências alheias a ele, como o assunto, o tipo de ouvinte, o lugar em que o diálogo ocorre e as relações que unem os interlocutores;

-sociológicas: aquelas determinadas pela *idade*, gênero, profissão, escolaridade, classe social, localização dentro da mesma região, raça.

Dada a complexidade do fato, ater-nos-emos à variável sociológica *faixa etária* a fim de tentarmos estabelecer a sua relevância e identificarmos quais são os padrões estabelecidos por estudos anteriores.

2. Alguns estudos

Estudos anteriores mostram a atuação da variável *faixa etária* como um fator influenciador na fala dos indivíduos. Preti (1982:10) destaca o trabalho de H. A. Gleason (1978) cujo resultado ressalta a importância de alguns fatores nos estudos de variação linguística, tais como o contexto social do enunciado específico, a posição social do locutor, sua origem geográfica e a sua *idade*. É destacado também o trabalho de Pottier (1968) a propósito das causas do bilingüismo em algumas regiões da França, em que as diferenças linguísticas seriam oriundas de fatores como atividades profissionais, situação geográfica, classe social, gênero e *idade*. Preti também faz algumas considerações a respeito dessas variáveis. Segundo o autor, sobre a variável *idade/faixa etária*, quando se analisa um falante adulto as variações relativas às devidas faixas etárias limitam-se muito mais ao vocabulário e nem sempre são facilmente surpreendidas. O autor ainda salienta a questão da oposição “linguagem adulta X linguagem infantil”, entendendo-se por esta uma linguagem pré-escolarizada. Fala-se também da questão da “linguagem jovem empregada por adolescentes, com um vocabulário repleto de gírias e cujos limites da faixa etária correspondente são meio vagos”.

Monteiro (2000) destaca as conclusões de Labov (1972) em que este afirma que as diferenças entre faixas etárias podem ser fictícias quando se leva em conta a distinção entre os grupos não apenas pela passagem do tempo, “um grupo pode ter uma educação mais completa e melhores perspectivas (...) E assim, o que parece devido à faixa etária termina sendo condicionado por outros fatores.” (Monteiro, 2000:51)

Em um dos estudos mais citados relativos ao efeito da variável *faixa etária*, Labov (1972a) em seu famoso estudo na ilha de Martha’s Vineyard utilizou o seguinte recorte na idade para a seleção dos seus informantes: 14-30a, 31-45a, 46-60a, 61-75a e

75 acima. Segundo Labov os jovens aproximam-se mais do vernáculo da ilha do que os adultos, especialmente os do sexo masculino. Pode-se aqui fazer uma crítica a esse estudo, pois explicação para tal motivação de mudança neste sentido estaria baseada no desejo, por parte dos jovens, de se identificarem como “vineyarders” (moradores da ilha) frente a uma invasão de veranistas. Esta afirmação pode ser conflitante se pensarmos que não só os jovens, mas também os adultos e idosos compartilham dos mesmos valores sociais, ou seja, de acordo com os estudos de Labov boa parte da população (incluindo jovens, adultos e idosos) era afetada pela invasão dos veranistas, mas o reflexo dessas mudanças só foi significativo na fala dos jovens. No mesmo trabalho, Labov faz referência a um estudo de Gauchat (1905) sobre os *patois* de Charmey, sobre o francês falado em uma comunidade suíça. Diferentemente do recorte feito por Labov, Gauchat dividiu a idade dos informantes em três gerações: entre falantes com até 30a, de 30-60a, e acima de 60a. É interessante notar que nesse ponto a escolha das faixas etárias foi bem diferente em ambos os estudos. Em outro estudo, também bastante comentado, sobre a estratificação do /r/ em Nova Iorque, Labov lança mão da *faixa etária* como um possível fator influenciador do padrão. O recorte na idade foi feito separando-se cada faixa etária com um intervalo entre cinco anos, que, segundo o autor, “estes dados não podem ser considerados confiáveis, senão pelo mais simples tipo de comparação.” (Labov, 1972:57). Para este estudo, duas pesquisas paralelas foram feitas: o estudo da pronúncia do /r/ por pessoas que trabalhavam em lojas de departamento (department stores) e o uso do /r/ por falantes da região de Lower East Side. Para o primeiro, a divisão da faixa etária permitiu a participação de informantes com idades entre 15-30a, 35-50a, e 55-70a. No estudo em Lower East Side, por sua vez, os informantes selecionados tinham idades entre 20-29a, 30-39a, 40-49a, e 50 anos acima. Nenhuma explicação que explicasse tal assimetria foi encontrada em seu estudo. Foi encontrada uma correlação *idade-status da loja* para o primeiro estudo e *idade-status social* para o segundo. Apesar de os recortes não terem sido os mesmos, “os resultados apontaram um crescimento repentino, em tempo aparente, da estratificação social da variável em questão na fala casual” (Labov, 1972:116). Para as faixas etárias com os níveis de idade mais altos houve pouca relevância da significância social da pronúncia de /r/, já nas faixas etárias abaixo de quarenta anos a pronúncia de /r/ age como um marcador de prestígio. Em ambos os estudos (o de Martha’s Vineyard e o de NY) o indício de uma mudança em tempo aparente foi crucial para a constatação da mudança em tempo real.

Milroy (1987), em seu estudo sobre as redes sociais em três comunidades de Belfast, faz um recorte na faixa etária entre falantes de 18-25a e 40-55a. Nenhuma explicação que fundamentasse tal recorte foi encontrada. Milroy encontrou uma interação significativa entre a área onde mora o indivíduo e a sua *idade*, mostrando que nos grupos mais jovens registraram-se altos índices das variantes em Clonard e Hammer e o grupo mais velho alcançando um índice sensivelmente mais alto em Ballymacarrett, mas no cômputo geral são os jovens que apresentam um índice mais alto dessas variantes.

Refinando a análise, Milroy encontra padrões muito diferentes para as variantes em estudo, a saber:

-para a variável /a/ encontrou-se uma correlação altamente significativa entre a rede no grupo mais velho (40-55a) e uma correlação significativa entre o grupo mais

jovem. Refinando ainda mais esta análise percebeu-se que esta variável pode estar associada com o grupo feminino mais velho;

- para a variável /th/ encontrou-se uma correlação significativa entre redes no grupo mais velho apenas;

- para a variável /ε¹/ foi encontrada uma correlação significativa entre redes no grupo mais jovem, mas quando divididos os sexos esta se correlaciona com o grupo masculino mais velho como um marcador de redes;

- para a variável /ε²/ foi encontrada uma correlação de alta significância com o grupo masculino jovem apenas; e

- para a variável /Λ¹/ foi encontrada uma correlação significativa com o grupo mais velho apenas.

As variáveis /a/ e /th/, portanto, parecem carregar valores sociais múltiplos. Em sua função como marcadores sociais elas são mais salientes em Ballymacarrett para mulheres e para o grupo mais velho. As variáveis /ε¹/ e /ε²/ estão mais intimamente ligadas a estruturas de redes masculinas e com o grupo mais jovem mostrando uma correlação entre as redes e os índices de /ε²/. A função social de /Λ¹/ é diferente, correlacionada apenas com o grupo mais velho.

Ainda sobre a relevância da variável *faixa etária*, Milroy faz referência a um estudo de Gal (1979) em uma comunidade bilíngüe (alemão/húngaro) na cidade de Oberwart, região de fronteira na Áustria. Explica a autora que Oberwart era uma comunidade agrícola e que posteriormente sofreu mudanças econômicas devido à industrialização em áreas próximas. Uma oposição camponês/operário surge na comunidade como reflexo das mudanças ocorridas, refletindo na fala dos habitantes, com o húngaro representando os valores dos camponeses e o alemão representando os valores da classe operária. A maioria dos jovens, segundo o estudo de Gal, deseja ser considerada como operários e não camponeses e, conseqüentemente, preferem adotar um padrão monolíngüe falando apenas o alemão e rejeitando o húngaro, embora todos os falantes da comunidade sejam competentes em ambas as línguas. Analisando a fala de trinta e dois informantes, Gal conclui que o fator mais óbvio que prediz a preferência de um falante pelo uso maior de uma língua ou de outra é a *idade*, em que os falantes mais velhos optam pelo uso mais freqüente do húngaro e os mais jovens pelo alemão.

Em um trabalho de Duarte (1989) sobre os clíticos no PB a autora seleciona as variáveis extralingüísticas idade (22-33a, 34-46a, e 46 acima) e escolaridade (1º grau completo ou incompleto, 2º e 3º graus). A seleção dos informantes a partir de 22 anos, segundo a autora, deveu-se ao fato de que somente a partir dessa idade seriam encontrados informantes com o ensino superior completo. Um grupo paralelo, de 15-17 anos, foi formado com o propósito de incrementar o *corpus* com uma modalidade de fala usada por uma geração mais nova, além de gravações feitas com dados da mídia (televisão) retirados de entrevistas e episódios de novelas. Depois de computadas as ocorrências do objeto direto anafórico e separadas as variantes e os respectivos condicionamentos lingüísticos atuantes a autora parte para os fatores extralingüísticos. Assim, conclui que seria a escolaridade aliada à *faixa etária* do informante que atuariam na relevância do uso das formas. A pesquisa mostrou um padrão semelhante aos estudos até agora apresentados com os informantes com nível de escolaridade e faixa etária mais baixos optando pelo uso do pronome lexical (eu vi *ele*, variante inovadora) e os que se

situam no outro extremo privilegiando o seu apagamento ou recorrendo aos SNs lexicais, sugerindo que o clítico esteja em franco desaparecimento no português do Brasil.

No trabalho de Ramos (2002), em um estudo sobre a alternância entre *não* e *num* no português de Belo Horizonte, a autora utiliza um recorte na faixa etária dos informantes entre jovens (15-29 anos), adultos (30-49 anos) e idosos (acima de 50 anos). Este fator, quantitativamente significativo, apresentou resultados favoráveis à variante *num*, neste caso, a variante inovadora, indicando uma implementação. Com os falantes da faixa etária mais velha apresentaram uma frequência de uso muito baixa para a variante e os falantes da faixa etária mais nova registraram uma frequência significativamente mais alta.

Um interessante trabalho foi organizado e desenvolvido no Rio de Janeiro, baseado em estudos do tipo painel e estudos do tipo tendência (para uma explicação mais detalhada sobre este tipo de estudo cf. PAIVA & DUARTE, 2003) em que se comparou uma amostra de fala da década de 1980 com uma amostra da fala de 2000.

Sob o foco do mesmo *corpus*, vários estudos foram desenvolvidos e reunidos e apresentados em um único livro. A fim de não estender sobremaneira esta pesquisa, apenas dois dos estudos serão tratados, o trabalho de Omena sobre o uso das formas *nós* e *a gente* e o trabalho de Gomes sobre a expressão do dativo com preposição.

No *corpus* utilizado, a distribuição dos indivíduos foi feita segundo os fatores extralingüísticos sexo, *faixa etária* e escolaridade. Quatro faixas etárias foram delimitadas: 7-14a, 15-25a, 26-49a, e 50 anos acima para a amostra de 1980.

Para o estudo painel seria necessário recontactar os mesmos informantes posteriormente, apenas dezesseis deles foram recontactados.

Para o estudo tendência uma nova amostra foi constituída de acordo com os parâmetros estratificadores da amostra de 1980 (portanto os mesmos critérios utilizados na seleção da faixa etária, sexo e escolaridade).

É interessante notar aqui que os resultados obtidos nas duas pesquisas, relativos à questão da influência da *faixa etária*, não apresentam conclusões semelhantes.

No trabalho de Omena (2003), a autora faz um breve histórico das variantes em questão, mostrando que a variável inovadora *a gente* tem ganhado espaço desde a sua introdução no sistema, mas que a mudança ainda não se completou. O estudo tendência realizado mostrou que a variável *a gente* continua a predominar sobre a variável *nós* na função de sujeito. Quando relacionado o uso da variável à *faixa etária*, é possível notar que, no decorrer do tempo, os falantes tenderam a adquirir a forma de prestígio *nós*, considerando uma variação estável, pois falantes de faixa etária entre 26-49 anos em 2000 eram representantes da geração que em 1980 pertencia às duas primeiras faixas etárias. Um padrão encontrado confirma a hipótese de variação estável: a variável *a gente* seria mais freqüente na fala dos jovens e que ao alcançar a idade adulta esses falantes entrariam em contato com a forma *nós* (já conhecida, mas pouco percebida) sendo submetidos a forças mais conservadoras e conseqüentemente aumentariam a freqüência da variante de prestígio. A comparação dos dois momentos de tempo analisados permite afirmar, no cômputo geral, que a variação dentro desse período de tempo analisado aponta uma possível mudança e “vai lenta e constantemente ganhando

terreno de sua concorrente, mesmo que nesse pequeno período de tempo apresente certa estabilidade.” (Omena, 2003:80).

No trabalho de Gomes (2003) o processo estudado foi o uso variante da preposição *a* que introduz o SPrep de verbos cuja estrutura argumental prevê dois argumentos internos, alternando entre *a*, *para* e \emptyset (categoria vazia). O estudo revelou, de um lado, a estabilidade das frequências de uso das estratégias de dativo e, de outro, a implementação da mudança no uso da preposição *para* na expressão do dativo. A distribuição das ocorrências por *faixa etária* indicou que na década de 1980 constatou-se um aumento gradual da preposição *para* na fala dos mais jovens e na comparação com a amostra do ano 2000 esta variação atinge toda a comunidade, independentemente da idade, indicando que esta variável se expande para contextos inicialmente preferenciais ou exclusivos ao uso de *a*. A implementação abrupta de *para* pode ser explicada pela natureza superficial do processo, envolvendo a substituição de uma preposição por outra. “Pode-se apontar também o caráter neutro dessa variante em relação à preposição *a*, mais formal, e à variante nula, estigmatizada.” (Gomes, 2003:96).

Já explicados os objetivos e conclusões de cada trabalho, serão apresentados na Tabela 1 os recortes realizados, a fim de facilitar a visualização. Observa-se que não existe um critério fixo que delimite os recortes:

Tabela 1: recortes em faixas etárias em estudos sociolingüísticos.

Autor	Ano	Trabalho	Recorte das faixas etárias dos informantes
Gauchat	1905	<i>Patois</i> de Charmey	Até 30, 30-60 e 60 acima.
Labov	1972	Martha's Vineyard	14-30, 31-45, 46-60, 61-75 e 75 acima.
Labov	1972	Pronúncia do /r/ em NY	15-30, 35-50, e 55-70 para os informantes das lojas de departamento e 20-29, 30-39, 40-49, e 50 anos acima para informantes de Lower East Side.
Milroy	1987	Língua e Redes Sociais	18-25 e 40-55.
Duarte	1989	Clíticos no PB	15-17, 22-33, 34-46, e 46 acima
Ramos	2002	Alternância <i>não/num</i>	15-29, 30-49, 50 acima
Omena	2003	Alternância <i>nós/ agente</i>	7-14, 15-25, 26-49 e 50 acima
Gomes	2003	Varição no dativo	7-14, 15-25, 26-49 e 50 acima

3. Discussão

Estudos sociolingüísticos utilizam-se de amostras aleatórias na composição do seu *corpus*, esse procedimento é importante para garantir que se faça uma análise que garanta a oportunidade a todos os indivíduos de uma sociedade, no entanto, é importante ressaltar que, se os informantes são selecionados aleatoriamente, os recortes e a escolha dos fatores extralingüísticos, não. Tais fatores são controlados. A variável lingüística, no caso a variável extralingüística, é entendida como um elemento variável interno ao sistema e controlada por uma única regra. Geralmente são selecionados informantes dos sexos masculino e feminino, são selecionados também segundo a sua escolaridade (de acordo com os objetivos de cada pesquisa), segundo a sua classe social e a sua idade (a fim de observar o movimento da mudança entre as gerações).

Um dos princípios mais claros da Teoria da Variação é o de que as línguas naturais estão em constante variação. Assim, a Sociolingüística Variacionista postula que as mudanças possam ser apreendidas no seu curso de implementação através do que

se denominou *análise em tempo aparente*. Vários estudos sociolinguísticos levam em conta essa análise, visto que, como sugerem muitos pesquisadores “o estudo da mudança em tempo aparente está baseado no pressuposto de que diferenças linguísticas entre gerações podem espelhar desenvolvimentos diacrônicos, quando outros fatores se mantêm constantes.” (Paiva & Duarte, 2003:14).

A hipótese clássica postula que o comportamento linguístico de cada geração reflete um estágio da língua, com os grupos etários mais jovens introduzindo novas alternantes que substituem gradativamente aquelas que caracterizam a fala de indivíduos de faixas etárias mais velhas.

Na seção anterior foram apresentados alguns trabalhos na área, com o intuito de identificarmos as práticas em estudos sociolinguísticos relativos à variável *faixa etária*.

Baseando-se nesses estudos voltamos agora às questões iniciais.

Respondendo à primeira questão com relação à variável *faixa etária*, observou-se que esta foi levada em conta em todos os estudos analisados. Correlações constantes e significativas entre a variável *faixa etária* e uma determinada variável linguística mostraram que a questão da *idade* é de grande importância para as pesquisas, não só para se identificar o movimento das mudanças como também para as explicações sociais que motivam algumas dessas mudanças (cf. p.ex. Labov 1972a). O que se observa nos estudos citados é que em todos os casos a variável *faixa etária* era atuante, observou-se também um padrão nas conclusões: quando se tratou de um caso de possível mudança em curso os jovens apresentaram uma frequência muito mais alta da variante inovadora do que os adultos que, por sua vez, apresentaram uma frequência mais alta que os idosos. Quando se tratou de uma variante estável, um padrão curvilíneo foi encontrado, com os mais jovens e os mais velhos apresentando frequências mais altas da variante inovadora e os medianos (devido às pressões de mercado, etc.) apresentando uma frequência significativamente mais baixa.

A segunda e terceira questões, sobre os recortes nas faixas etárias, se tornam um pouco mais complicadas. Como se pôde perceber, nem todos os pesquisadores partem de um mesmo nível de idade e nem todos têm explicações para os recortes feitos, o que torna conflitante quando se comparam os estudos. Os recortes nas faixas etárias parecem ser aleatórios, visto que não se segue um determinado padrão. Labov analisa a fala dos informantes em Martha’s Vineyard a partir da idade de 14 anos, mas no seu estudo em Nova Iorque não são utilizados os mesmos parâmetros estratificadores, com recortes diferentes para a faixa etária. Foram comparadas idades diferentes, como já foi citado, para um mesmo estudo. O estudo da pronúncia do /r/, por pessoas que trabalhavam em lojas de departamento (department stores) continham informantes com idades entre 15-30a, 35-50a, e 55-70a; e participaram informantes com idades entre 20-29a, 30-39a, 40-49a, e 50 anos acima no estudo de Lower East Side. Os dados para dar conta da assimetria acima não aparecem disponíveis no estudo pesquisado.

Milroy também não justifica a seleção de informantes com idades entre 18-25 anos comparando estes resultados com informantes entre de 40-55 anos, deixando uma lacuna entre uma geração e outra.

No trabalho de Duarte é apresentada uma justificativa para o recorte dado. Como já se disse acima, a explicação dada pela autora é que a seleção dos informantes a partir de 22 anos deveu-se ao fato de que somente a partir dessa idade seriam encontrados

informantes com o 3º grau completo. Para que não houvesse disparidade no estudo da fala dos jovens um grupo paralelo, de 15-17 anos, foi formado com o propósito de incrementar o *corpus* com uma modalidade de fala usada por uma geração mais nova. O que demonstra um maior rigor no seu estudo.

No trabalho de Ramos observa-se também que a idade mínima é de 15 anos e nos trabalhos de Omena e Gomes a idade mínima para o estudo é de 7 anos. Observa-se, portanto que os estudos, mesmo quando desenvolvidos por um mesmo pesquisador, não utilizam recortes semelhantes para a análise em tempo aparente.

A última questão a ser investigada seria sobre a fundamentação teórica para os recortes realizados nos estudos. O que se percebe é que, baseados na hipótese clássica acerca da fixação do sistema lingüístico no indivíduo, de que “é no início da puberdade que esse sistema se encerra/estabiliza, ou, pelo menos a partir daí, não sofre modificações significativas” (Paiva e Duarte, 2003), os pesquisadores procuram analisar a fala a partir desta fase, mas os limites são muito subjetivos. Existe uma outra hipótese, a de que o falante muda a sua língua no decorrer dos anos, que contesta esta visão clássica (sobre as hipóteses acima cf. Naro, 2004 In.: MOLLICA & BRAGA). Qual seria a posição correta? É a comunidade ou o indivíduo que muda? Ao se optar por uma ou outra hipótese surge, portanto, uma questão importante a ser levantada: qual seria a relação entre as faixas etárias e os papéis sociais dos indivíduos no caso dos estudos no Brasil?

Por se caracterizar como um país em desenvolvimento, o Brasil ainda apresenta uma desigualdade social bastante significativa; o que pode ter reflexo na língua! Ao se analisar as variáveis sociológicas, busca-se fixar um padrão de análise. Ao se comparar a fala de um jovem de classe média com a de um jovem de classe baixa seria possível afirmar que se está comparando no mesmo nível? Ou seja, como se sabe, muitos jovens das classes socioeconômicas menos favorecidas têm que optar pelo trabalho muito antes daqueles jovens das classes sociais mais altas e, portanto, sofrem pressões do mercado de trabalho mais cedo. Por outro lado, esses jovens têm uma formação escolar mais deficiente, com rendimento abaixo do esperado, devido ao cansaço e ao pouco tempo dispensado aos estudos. Em casos como esses, como sistematizar um padrão? Deve-se levar em consideração, portanto, não apenas o indivíduo, mas também a comunidade em que se insere, o que torna mais complexa a análise em tempo aparente por não estabelecer limites mais precisos e equitativamente comparáveis quando se trata de diferenças de classes. Não há também um limite claro entre a adolescência e a fase adulta, e mesmo entre a fase adulta e a idosa.

Apesar da sua validade teórica, a análise do tempo aparente encontra dificuldades empíricas que exigem mais rigor dos dados a serem observados, buscando um padrão ou, ao menos, estudos mais concretos acerca deste problema.

4. Conclusão

A partir da análise acima, observou-se que os estudos sociolingüísticos carecem ainda de um rigor metodológico no que diz respeito à *faixa etária*, o que se observa é que a maioria dos pesquisadores tenta manter um padrão, mas não é fácil estabelecer limites; não há, portanto, uma fundamentação teórica concreta em que o pesquisador possa se basear para que se faça um devido recorte em detrimento de outro. Essas

diferenças de efeito associadas às faixas etárias não podem ser tomadas como indicadores indiscutíveis e conclusivos de mudanças em curso.

Observou-se também que existem questões ainda não investigadas em estudos sociolinguísticos, como a questão da relação entre as faixas etárias e os papéis sociais, que são comparados sem levar em conta fatores de ordem social que podem ser fortemente atuantes. Assim, o que seria devido a fatores como pressões de mercado de trabalho, contextos formais (devido ao ambiente de trabalho), pode ser erroneamente associado à faixa etária.

A análise do tempo aparente constitui uma hipótese que tem encontrado evidências favoráveis e desfavoráveis. Favoráveis no sentido de que é possível apreender mudanças no seu curso de implementação, desfavoráveis no sentido de que ainda não se encontrou um rigor metodológico suficientemente capaz de delimitar os limites etários indicativos de mudança em curso na língua.

Referências Bibliográficas

- DUARTE, Maria Eugenia Lamoglia. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALLO, Fernando (Org). *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas: SP. Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989.
- GAL, S. *Variation and change in patterns of speaking: language shift in Austria*. In: Sankoff (ed.) 227-38. 1978 *apud* Milroy, Lesley, 1987.
- GLEASON Jr., H. A.. *Introdução à linguística descritiva*. Trad. João pinguelo. Lisboa, Calouste Gulbekian, 1978 *apud* PRETI, Dino, 1982.
- GOMES, Christina Abreu. Variação e mudança na expressão do dativo no português brasileiro. In: PAIVA, Maria da Conceição de & DUARTE, Maria Eugenia Lamoglia (Orgs.). *Mudança lingüística em tempo real*. RJ, Contra Capa, 2003.
- LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972a.
- MILROY, Lesley. *Language and social networks*. 2. ed. Oxford: B. Blackwell, 1987.
- MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis, R.J. Ed. Vozes, 2000.
- NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (Orgs.) *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. 2 ed. São Paulo, Contexto, 2004.
- OMENA, Nelize Pires. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: PAIVA, Maria da Conceição de & DUARTE, Maria Eugenia Lamoglia (Orgs.). *Mudança lingüística em tempo real*. RJ, Contra Capa, 2003.
- PAIVA, Maria da Conceição de & DUARTE, Maria Eugenia Lamoglia (Orgs.). *Mudança lingüística em tempo real*. RJ, Contra Capa, 2003.
- POTTIER, Bernard. La situation linguistique em France. In: MARTINET, A. *Le Language*. Paris, Editions Gallimard, 1968 *Apud*: PRETI, Dino, 1982.
- PRETI, Dino. *Sociolingüística: os níveis de fala: um estudo sociolingüístico do diálogo na literatura brasileira*. 4ª edição. São Paulo: Editora Nacional, 1982.
- RAMOS, Jânia. A alternância entre “não” e “num” no dialeto mineiro: um caso de mudança lingüística. In: COHEN, Maria Antonieta Amarante de Mendonça & RAMOS, Jânia (Orgs.). *Dialeto mineiro e outras falas: estudo de variação e mudança lingüística*. Belo Horizonte. Faculdade de Letras, UFMG. 2002
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. 6ª ed. rev. São Paulo: Ática, 1999.